

«Repouso e movimento. Invenção»

Augusto Brázio, Daniela Krtsch, Rui Horta Pereira e Rui Soares Costa

«inventar o Repouso.

No meio do movimento o Repouso.

Não é interrupção. Não é paragem. É continuidade.

O Movimento continua para o Repouso que continua para o Movimento que continua para o Repouso que continua para o Movimento.

inventar o movimento no repouso, inventar o repouso no movimento.»

— “Invenção” in “Livro da Dança” de Gonçalo M. Tavares, Relógio d’Água, 2018

Podendo ser entendidos como contrários, repouso e movimento são como dois momentos do processo circular que simboliza o acto de criação e a nossa própria vida. Precisamos do primeiro para perscrutar, olhar com atenção, sairmos de nós mesmos, e do segundo para concretizar esse pensamento, centrando-nos em nós próprios, como um diálogo que se inventa entre a alteridade e a identidade. De uma das margens lança-se um bumerangue. Vai e regressa desenhando uma curva no ar, num movimento contínuo atraído pela força exercida pelo centro, suspenso pela força sobre as suas asas. Regressa, poisa no chão, talvez não venha a ficar no mesmo sítio. Repouso depois do movimento.

Movimento depois do repouso. “É a hora”. Já vinha de Lavoisier a ideia de constante transformação, e de Copérnico viemos a conhecer a centralidade exercida pelo Sol, a partir da qual se define a rotação da Terra. A cada 23h 56min 4,09s o Sol volta a incidir no mesmo ponto do nosso planeta, registando de forma lenta e demorada os seus raios nestas folhas de papel de **Rui Horta Pereira**. Movimento depois do repouso. Atravessada por uma estrada, a paisagem de **Augusto Brázio** pelas “viagens da sua terra”, traz-nos essa força centrípeta do monolito de granito ou a centrífuga que nos aparta da luz. Repouso depois do movimento, surge a “Paper series” de **Rui Soares Costa** onde múltiplos papéis submersos em resina desvendam outras formas na superfície queimada. São sucessivas camadas de matéria que pousam, suscitando a contemplação do movimento que terá ocorrido. O desenho, esse, prolonga-se no tempo. Repouso depois do movimento, são as narrativas suspensas de **Daniela Krtsch** que nos

convocam para esses lugares de recato, esses “portos seguros” onde a redenção, como acto libertador, é a única possibilidade. Inspirada pela sua experiência e memória enquanto receptáculos para o seu processo criativo, surgem as cantigas de roda, as figuras cujos rostos não vemos mas adivinhamos a existência.

Dizia Milan Kundera, no seu ensaio “A lentidão”: “Há um vínculo secreto entre a lentidão e a memória, entre a velocidade e o esquecimento.” A partir destas alegorias visuais do repouso e movimento, que lugares poderemos inventar?

Ana Matos

Lisboa, Junho de 2021